

## “De *doutor* a professor, a história de um *iatrocídio*” (ou “Do primeiro pós-graduação, ninguém esquece!”), 1986-1990

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli\*

Corria o ano de 1985, já avançado o segundo semestre. Eu então fazia o quarto semestre do Curso de Graduação em História, turno da tarde, cumprindo as disciplinas de História Moderna I, História da América I, História do Brasil I, História do Rio Grande do Sul, Teoria e Metodologia da História II, além de um Seminário de História onde compunha um grupo que estudava a tragédia grega; ainda tratava de dar conta de duas outras cadeiras oferecidas por outros departamentos para os estudantes de História: Economia I e Alemão Instrumental. No total, mais ou menos trinta e

---

\* Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Vice-Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Aluno da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

duas horas de aula semanais, nada excepcional para um curso de graduação.

Havia um “porém”, entretanto: eu era médico formado há quase dez anos e exercia meu ofício nas especialidades de Neurologia e Eletrencefalografia (havia feito residência médica em Neurologia e Neurocirurgia). Mas, felizmente, como profissional liberal podia adequar meus horários para voltar a ser estudante universitário. Por que voltara à UFRGS e numa área aparentemente tão diversa da minha profissão? Uma resposta exigiria aqui uma longa digressão, mas, em princípio, estudar História era satisfazer uma antiga demanda pelas angústias que as Ciências Humanas debatiam e que o Curso de Medicina fora avaro em oferecer; ou talvez puro diletantismo; ou, quem sabe, um certo enfaro por discussões sem uma maior base teórica e empírica sobre o Brasil, a América Latina, a democracia, o socialismo, a ditadura, a revolução, a verdade, e por aí afora!

Existia também uma atitude de auto-afirmação ou mesmo de enfrentamento a algumas adversidades. Desde os tempos de secundarista no Colégio de Aplicação – da então Faculdade de Filosofia da UFRGS – e de estudante de Medicina, via a História como uma espécie de “arma” ou “chave” do conhecimento capaz de apreender a realidade e de propiciar sua mudança em tempos de feroz ditadura militar e consciência de uma América Latina espoliada e oprimida. Leituras algo dispersas dos grandes teóricos do socialismo – Marx, Engels, Lênin – ou de estudiosos da realidade contemporânea – Marcuse, Fromm, Florestan Fernandes, Werneck Sodrê –, somavam-se a uma quase frenética ânsia de compreensão da América Latina, seja pela literatura, pelas artes, ou pelo cancionero popular. Claro que a proximidade – tanto geográfica como cultural – com o Rio da Prata canalizaram boa parte desses esforços para a Argentina e o Uruguai, onde já pisara algumas vezes desde uma heróica viagem “a dedo” no já longínquo 1971.

Em 1983, foi criado na UFRGS o Curso de Especialização em História da América Latina. Na ocasião eu era casado e não tinha filhos, vivia relativamente bem da profissão médica e, fundamentalmente, dispunha de tempo; a abertura do curso, portanto, preenchia bastante bem minhas expectativas. Todavia, quando busquei informações, fui esclarecido de que era exigido dos candidatos que fossem graduados em História ou “áreas afins”, um nebuloso conjunto de diplomas que não incluía o de Medicina. Daí iniciou uma disputa entre minha teimosia e as exigências institucionais, de onde elas viessem! Se me faltava formação em História, trataria de fazê-la. Para tanto, solicitei “ingresso extravestibular de diplomado” às instâncias competentes, mas o pedido foi negado; o caminho seguinte foi fazer e passar no vestibular para o Curso de História da UFRGS em janeiro de 1984, e eu aí estava quando, no ano seguinte, foi aberto o processo seletivo para o Mestrado em História, cuja área de concentração à época era justamente História Latino-Americana.

Uma vez mais, no entanto, aparecia no edital o fantasma da necessidade de diploma superior em História ou “áreas afins”, que no documento foram detalhadas – Ciências Sociais, Filosofia, Direito e outras tantas – e excluía Medicina. Minha colega de graduação, Helen Osório, formada em Direito pela UFRGS, não teria problemas. Presidia a comissão de seleção e seria a primeira coordenadora do Mestrado a professora Helga Iracema Landgraf Piccolo, que eu ainda não conhecia pessoalmente, mas que era muito afamada pelo seu conhecimento e pelo rigor acadêmico com que tratava as questões administrativas. Era previsível, portanto, mais dificuldade na minha busca pela América Latina. Já quase me arrependia de não ter tentado a seleção para o Mestrado em Antropologia no ano anterior, o qual vários colegas médicos, especialmente aqueles dedicados à saúde pública, cursavam ou haviam cursado.

Para aplainar as arestas, procurei o auxílio de alguns professores do Curso de História que faziam parte do corpo docente do Mestrado que se criava<sup>1</sup>. Era aluno de Céli Pinto em História do Rio Grande do Sul e de Loiva Otero Félix no Seminário de História V, além de ter sido aluno de Arno Alvarez Kern no ano anterior e no Colégio de Aplicação. Todos eles tiveram enorme consideração comigo e tentaram saber da professora Helga Piccolo se eram contornáveis as restrições do edital, mas ela mostrou-se inflexível. Mesmo assim, resolvi comparecer a uma reunião de esclarecimentos que a comissão de seleção realizou com os eventuais candidatos à seleção e lá expus minhas ponderações, que se resumiam ao fato de ser já um estudante de graduação em História, e que queria apenas me submeter ao processo seletivo. Certamente valeram as “embaixadas” feitas anteriormente, pois a professora Helga Piccolo resolveu pelo encaminhamento da questão à Quinta Câmara, órgão administrativo então responsável pelos problemas referentes aos cursos de pós-graduação da UFRGS. (Mais tarde soube que nessa reunião a professora Cláudia Wasserman comentou com o professor Luiz Roberto Lopes ter achado minha pretensão tão absurda e inusitada, quanto seria se ela pretendesse fazer algum mestrado numa das áreas médicas). Assim, quase no apagar das luzes, a referida câmara julgou favoravelmente a minha pretensão; daí fiz as provas da seleção, fui aprovado e integrei a primeira turma do Pós-Graduação em História.

Além da prova escrita e de um currículo – o meu era, decerto, paupérrimo, pois sequer completara a graduação – era obrigatória a entrega de um projeto de investigação, indicando a linha de pesquisa e orientador. Era meu propósito estudar os caudilhos argentinos do século XIX, e vi-me às voltas com a feitura de algo que jamais havia realizado, visto que ainda não cursara a disciplina de Técnica de Pesquisa Histórica no Curso de História. O referido projeto saiu muito ambicioso, pretendendo dar conta de todo o prolongado ciclo de guerras civis no Rio da Prata do oitocentos,

com uma bibliografia muito rudimentar ainda e sem muita noção das fontes primárias. Indiquei a professora Céli Pinto como orientadora, numa linha que se chamava “Ideologia e Discurso Político na América Latina”, e o projeto foi pomposamente intitulado “O discurso ideológico dos caudilhos do norte argentino”. Isto foi discutido durante a entrevista – feita pelas professoras Sílvia Petersen e Céli Pinto – que me indagaram muito sobre o inusitado de estar um médico querendo cursar um programa de pós-graduação em História; além disso, aconselharam-me a abandonar ou pelo menos reduzir minhas atividades na graduação, caso viesse a ser aprovado, pelo tempo que demandaria cumprir todas as exigências do Mestrado. Como não havia disponibilidade de bolsas de estudo, não estava em pauta deixar minhas atribuições profissionais. Felizmente, como explicarei mais adiante, mantive regularmente o curso de graduação.

O Mestrado iniciou em março de 1986 com os seguintes alunos: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, Claudia Wasserman, Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, Helen Osório, Heloísa Délia Eberle Bergamaschi, Inês Flores, José Carlos Tamanquevis dos Santos, Liane Saenger Schutz, Marli Marlene Mertz e Sílvia Clara Agnes. Deles, conhecia apenas a Helen, desde antes de ingressar na graduação, e mais tarde colega em algumas disciplinas; ela era, além disso, monitora de História da América e me auxiliara muito nas leituras para a prova escrita da seleção<sup>2</sup>; a Claudia, eu conhecera no dia da prova, mas já sabia dela por ser então colega de minha irmã no Colégio Israelita Brasileiro de Porto Alegre. A procedência dos demais era variada: Liane e Marli tinham feito a graduação de História na UFRGS há mais tempo e estavam, respectivamente, no Colégio de Aplicação e na Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul; Eloísa Ramos havia cursado e era professora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Heloísa Bergamaschi graduara-se e era docente na Universidade de Caxias do Sul; Inês Flores e José Tamanquevis haviam feito o curso de

História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e não lembro quais atividades exerciam; Sílvia, por fim, cursara Estudos Sociais na Universidade de Santa Cruz do Sul e passara por problema semelhante ao meu para realizar o processo seletivo do Mestrado.

Deveríamos cursar oito disciplinas, cada uma com quatro horas-aula por semana, nos mesmos moldes atuais. Como o Mestrado iniciou com cinco professores credenciados – Helga Piccolo, Sílvia Petersen, Arno Kern, Céli Pinto e Luíza Kliemann – mesmo aquelas consideradas eletivas tornavam-se praticamente obrigatórias. Assim, no primeiro semestre de 1986, foram oferecidas as seguintes disciplinas: “Teoria e Metodologia da História” (Sílvia Regina Ferraz Petersen), “Fundamentos para o Estudo das Organizações Políticas da América Latina” (Céli Regina Jardim Pinto) e “Fundamentos para o Estudo das Formações Econômico-Sociais da América Latina” (Luíza Helena Schmitz Kliemann). As aulas se davam, respectivamente, nas terças, quartas e quintas-feiras, das 14 às 18 horas, no horário que ainda é o usual<sup>3</sup>. Aqueles que haviam cursado a UFRGS conheciam os professores, o que facilitou bastante a interação em sala de aula, mas alguns colegas não estavam muito habituados a discussões de cunho mais teórico ou com a carga de leituras, e determinados ajustes foram um tanto custosos.

Em pouco tempo, a Cláudia, a Helen e eu tornamo-nos muito companheiros, participávamos juntos em sala de aula e acabamos por constituir algo um tanto raro hoje: um grupo de estudos, com reuniões semanais em casa de um ou outro. A idéia era ler com mais verticalidade os textos indicados, aprofundá-los com outras referências bibliográficas e prepará-los mais adequadamente para as atividades de classe. Isto se acentuou quando tivemos que realizar os trabalhos monográficos exigidos para as avaliações semestrais. Ainda lembro: fiz uma discussão teórica de Sarmiento e Alberdi sobre a Argentina do século XIX para a Sílvia<sup>4</sup>, uma crítica de um livro de Ernesto Laclau para a Céli<sup>5</sup>, e uma análise da

Teoria da Dependência em Fernando Henrique Cardoso para a Luíza. Para quase desespero, exigiu-se a entrega desses trabalhos antes do início do segundo semestre, e nossas “férias” de julho praticamente inexistiram.

A Helen e eu tínhamos ainda que cumprir as tarefas da graduação, o que exigia “ginásticas” incríveis, além da tolerância dos professores de ambos os cursos; sair mais cedo de uma aula e chegar tarde em outra se tornou nossa rotina quase diária. De resto, havíamos resolvido terminar o quanto antes o Curso de História para nos dedicarmos totalmente ao Mestrado ou, ao menos, à realização das dissertações. Eu seguia a seqüência cronológica normal – no primeiro semestre fiz História do Brasil II, História da América II, História Moderna II, História Contemporânea I, Técnica de Pesquisa Histórica e as disciplinas pedagógicas na Faculdade de Educação –, mas a Helen cumpria um estranho esquema: como viera ainda acadêmica da Faculdade de Direito, já terminara as disciplinas do final do curso<sup>6</sup> e lhe faltavam as iniciais.

Para o segundo semestre de 1986, o Mestrado oferecia o seguinte: Técnica de Pesquisa Histórica (Sílvia Petersen), Seminário Monográfico de História Econômico-Social da América Latina I (Luíza Kliemann) e Seminário Monográfico de História da Cultura e Ideologias da América Latina I (Céli Pinto). A disciplina da Sílvia continuava as discussões teóricas do primeiro semestre e apontava para uma revisão dos projetos de pesquisa que haviam sido apresentados quando da seleção. O curso da Luíza abordou a produção historiográfica sobre escravidão, importante para minha pesquisa pelo debate aprofundado sobre formações sociais pré-capitalistas. Quanto à Céli, iniciou uma fantástica incursão na Teoria do Discurso, fundamental para a Cláudia e para mim, seus orientandos. A turma inicial havia sofrido sua primeira defecção: a colega Liane Schutz abandonou o Mestrado<sup>7</sup>. Em compensação, recebíamos os primeiros colegas de outros programas de pós-graduação, como da Sociologia e da Economia.

Esse período foi certamente dos mais gratificantes de minha vida. Em meados de abril, ficara sabendo que minha esposa Vera estava grávida e que, depois de quase sete anos de casamento, tínhamos nosso primeiro filho. E o Pedro aportou em dezembro de 1986, justo quando se encerravam as atividades na graduação e na pós-graduação. Mas a felicidade pelo primogênito não implicou facilidades para mim, ao contrário: mesmo tendo mais tempo para os trabalhos solicitados, tinha que dividir os cuidados da criança com a mãe, o que exigiu por vezes muita criatividade<sup>8</sup>. Para a Sílvia, fiz uma detalhada discussão do meu projeto de pesquisa, tendo realizado os ajustes – especialmente uma melhor definição do referencial teórico e uma melhor delimitação do objeto – que possibilitaram sua realização posterior; em suma, abandonei a idéia inicial de abordar todos os caudilhos argentinos do século XIX e centrei a análise em Chacho Peñaloza e Felipe Varela, na província de La Rioja, no final da década dos sessenta. Para a Luíza, desenvolvi uma reflexão sobre as relações de trabalho em sociedades pré-capitalistas, ressaltando o conceito de renda da terra e sua importância para as relações de dominação no caudilhismo. Para a Céli, finalmente, ensaiei uma análise de discurso num pronunciamento político do caudilho Felipe Varela, que serviria mais tarde de modelo quando pude reunir toda a documentação primária para a redação final.

A última etapa de cumprimento de disciplinas coincidiria com algumas turbulências: após um ano de relativa estabilidade econômica<sup>9</sup>, sobreviera uma “ressaca” que quase inviabilizou meu serviço de eletrencefalografia; iniciava, simultaneamente, o último semestre da graduação e precisava a todo custo garantir a formatura para a metade do ano de 1987; morando em imóvel alugado, sofria uma ação de despejo com um filho ainda com poucos meses de vida. Como aparentemente as desgraças andam em grupo, faleceu tragicamente a professora Jane Aita, do Curso de História.

Nossa turma no Mestrado seguia mingando, e os colegas Heloísa Bergamaschi e José Tamanquevis também abandonaram o curso.

Dessa vez teríamos apenas duas disciplinas: Seminário Monográfico de História Econômico-Social da América Latina II (Sandra Jatayh Pesavento) e Seminário Monográfico de História da América Latina II (Helga Landgraff Piccollo). Nesta última, perdemos a companhia da colega Helen, que preferiu assistir a uma cadeira oferecida pelo professor Arno Kern. Com a Sandra, estudamos classes empresariais, burguesia nacional e os conceitos desenvolvidos por Gramsci. Já a professora Helga dedicou-se ao estudo da formação social rio-grandense, especialmente no intrincado processo de construção da América. Tínhamos ainda duas obrigações: fazer o exame de proficiência em língua estrangeira e a disciplina equivalente aos Estudos de Problemas Brasileiros da graduação. Só havia proficiência em francês e inglês, e optei pela última; talvez já por nostalgia, escolhi para traduzir um texto de Genética Médica no rol que havia. A EPB funcionava de forma estranha: havia um ciclo de palestras – dos mais variados assuntos – todas as segundas-feiras, no auditório da Faculdade de Economia, e quem assistisse a oito sessões garantia conceito “A” (“B” para seis e “C” para quatro).

Já na fase de desenvolver os projetos de pesquisa, a primeira turma do Mestrado sofreu seus últimos desfalques: as colegas Inês Flores e Marli Mertz completaram os créditos, solicitaram seus títulos de Especialista e desistiram de fazer as dissertações. Quanto aos restantes, os temas que desenvolveram foram os seguintes: Eloísa Ramos investigava o coronelismo no litoral norte do Rio Grande do Sul, orientada pela professora Helga; Sílvia Agnes dedicava-se ao estudo comparativo do movimento operário no México e no Brasil, sob orientação da professora Sílvia; Helen trabalhava com o processo de apropriação da terra no Rio Grande do Sul, comparando-o com processo análogo ocorrido na Banda Oriental, e sendo orientada pela professora Luíza; Claudia

pesquisava a hegemonia burguesa na Revolução Mexicana e eu lidava com o discurso dos caudilhos de La Rioja, noroeste argentino, ambos orientados pela professora Céli<sup>10</sup>.

Finalmente, o Departamento de História abriu concurso para a vaga de História da América, na categoria Professor Auxiliar, o que possibilitava a nós três a realização do mesmo; a pretensão era ganhar experiência e ter nota de aprovação, não nos ocorria a possibilidade de que algum de nós fosse classificado em primeiro lugar. Nosso grupo de estudos, já muito entrosado por mais de ano de funcionamento, poderia facilmente se voltar para os conteúdos que fossem definidos para o concurso. E nos atiraríamos nessa empreitada! A Helen e eu, apesar de já formados, solicitamos permanência na graduação para cursarmos a cadeira de História da América Pré-Colombiana; o programa do concurso ainda não fora elaborado, mas estávamos convencidos de que aqueles conteúdos fariam parte das provas. Para nossa surpresa isso não aconteceu, mas freqüentamos a disciplina até o final<sup>11</sup>.

Com a publicação do programa do concurso, o grupo de estudos passou ao exame detalhado de cada ponto: fazíamos sorteio entre nós, ouvíamos as exposições e éramos muito rigorosos nas críticas. Antes do término de 1987, já tínhamos dado conta de todos os pontos do concurso, ao mesmo tempo em que aprimorávamos nossos projetos e esgotávamos a bibliografia e as fontes primárias de que dispúnhamos para as respectivas dissertações. Quanto a mim, chegava a dezembro com o Pedro completando seu primeiro ano; além disso, uma providencial reforma na velha casa de meus pais permitiu que para lá eu voltasse com minha pequena família, e meus problemas de moradia resolveram-se. Também passara o auge da crise financeira do país, e abria-se até uma possibilidade de completar as pesquisas para o Mestrado em acervos documentais de outros países.

As coisas em 1988 andaram tão certas que pareciam de encomenda! Primeiramente a Sílvia, coordenadora do Mestrado,

anunciou que a CAPES havia criado um plano de incentivo a pesquisadores no estrangeiro, as bolsas *sandwich* – deste modo mesmo, em inglês! – assim chamadas porque, entre duas “fatias” cumpridas no Brasil, o estudante tinha direito a um “recheio” no exterior. Como a área de História da América fora considerada carente, esse auxílio estendia-se a alunos de Mestrado. E daí começamos – uma vez mais a Cláudia, a Helen e eu – uma corrida para adequar projetos, elencar justificativas e juntar documentos para nos habilitarmos. Meu destino eu defini de imediato: Buenos Aires e, se possível, algumas cidades do norte argentino. Claro que isso envolvia problemas familiares – não podia, por razões financeiras, levar comigo minha família – e também no meu serviço.

De outra parte, em maio, finalmente foi realizado o concurso público para provimento de professor auxiliar de História da América. Quatro professores doutores de outras universidades que estavam inscritos e que seriam – ao menos em princípio – favoritos para a disputa da única vaga, desistiram do mesmo. Mesmo assim, compareceram mais de vinte candidatos. A banca foi constituída pelas professoras Sílvia Petersen, Susana Bleil de Souza e Sílvia Möelecke Copé, todas do Departamento de História da UFRGS. No final, fomos aprovados: a Cláudia, eu e a Helen, na mesma ordem em que ingressamos na seleção do Mestrado; foi ainda aprovado em quarto lugar Anderson Zalewski Vargas, colega da graduação e agora aluno selecionado da segunda turma do pós-graduação. A vaga existente seria suprida pela Cláudia, mas a aprovação no concurso encheu-me de satisfação e parecia quase uma antecipação de muitas mudanças na minha vida futura.

Na esteira do concurso, veio a concessão da bolsa *sandwich*, e eu tratei de me preparar para viver seis meses em Buenos Aires, cidade que conhecia desde muito tempo e que me encantava! No começo de julho, iniciei meu período *porteño*, uma das melhores épocas de minha vida. A bolsa permitia que alugasse apartamento em bairro de minha escolha, pagasse todas as taxas, comesse em

restaurantes todos os dias, adquirisse livros e discos, viver até com bastante folga<sup>12</sup>. Em Buenos Aires, pude freqüentar o *Archivo General de la Nación*, o *Archivo de Mitre*, o *Archivo de Sarmiento*, a *Biblioteca Nacional*, além do *Archivo Dardo Rocha*, de La Plata; sequer foi necessário viajar para o norte, pois o *Archivo de Provincia de La Rioja* gentilmente enviou a documentação que necessitava por correio. Muito mais que pesquisar, “apropriei-me” da cidade, conheci e vivi todos os seus recantos, conheci muitas pessoas que até hoje me são muito caras. Essa experiência como historiador estreante, produzindo meu primeiro trabalho de investigação, certamente encaminhava meu destino para rumos muito diversos daqueles que tinham até então me norteado.

Em novembro, mais uma novidade: diversas aposentadorias ocorridas entre professores do Departamento de História da UFRGS abriam novas vagas; em reunião plenária, os professores decidiram pelo aproveitamento dos candidatos aprovados no concurso realizado em maio, e, em 18 de novembro, – um dia depois de completar 37 anos – assinei meu contrato como Professor Auxiliar. Em menos de cinco anos, eu passara de aluno iniciante no curso para docente! Como o contrato de trabalho era de 40 horas com dedicação exclusiva, vi-me obrigado a largar definitivamente o serviço de neurologia e eletrencefalografia onde era associado há dez anos<sup>13</sup>. Abandonava uma profissão liberal e assumia pela primeira vez um emprego público, onde me encontro até hoje<sup>14</sup>. Ao longo de 1989, os colegas Helen e Anderson também foram chamados e atualmente fazem parte do corpo docente do departamento.

A vaga na área de História da América era da Claudia, primeira classificada no concurso. Assim, tocava-me atender outras demandas do departamento. Por sugestão do então chefe, professor Luiz Dario Teixeira Ribeiro, e com a calorosa recepção da professora Sílvia Petersen, passei a integrar o grupo daqueles que se dedicavam às disciplinas de Teoria e Metodologia da História. Era

muita responsabilidade para quem nunca havia tido experiência docente, a não ser por alguns anos como monitor de Anatomia durante o curso de Medicina nos já distantes anos setenta, ou pelo estágio de Prática de Ensino no Colégio de Aplicação. Também tive que suprir carências noutros lados, e ministrei até História da Idade Média Oriental! Mais tarde, viria a dar aulas de História do Rio Grande do Sul e, em diferentes ocasiões, quase todas as cadeiras da área de História da América. Conteí sempre com a colaboração dos colegas mais antigos e com a compreensão dos alunos e, nos embates diários, acabei me tornando professor e paulatinamente deixando de ser o médico que fui<sup>15</sup>. Ao longo dos anos, ingressariam, por concurso, vários antigos colegas de graduação – Cybelle Crossetti de Almeida, Luiz Alberto Grijó, Francisco Marshall, Carla Brandalise, Benito Bisso Schmidt, Temístocles Américo Correia Cezar, Claudia Mauch – e até ex-alunos – Eduardo Santos Neumann, Adriana Schmidt Dias, Fábio Kuhn –, mas sempre terei a grata lembrança daqueles anos em que a Claudia, a Helen e eu, ainda alunos do Mestrado, convertemo-nos em professores de História da UFRGS.

Mas havia uma dissertação no meio do caminho, no meio do caminho havia uma dissertação... A partir de 1989, já era a Céli a coordenadora do Programa de Pós-Graduação, e seguíamos – com alguma razão, dadas nossas novas responsabilidades – protelando a escrita dos trabalhos. Até que, numa determinada tarde de maio ou junho de 1990, já não lembro muito bem, ela nos entregou pessoalmente uma correspondência oficial do Pós; taxativamente, a missiva dava-nos trinta dias de prazo para entregar as dissertações, sob pena de desligamento do programa. Assinava ela própria. Daí novas correrias, entrega de um rascunho, correções da Céli – era ainda a orientadora, claro –, operações de “recortar-e-colar”<sup>16</sup>, marcar banca de defesa e finalmente o rito quase medieval que se mantém praticamente inalterado até os dias atuais.



A primeira dissertação defendida foi a da Helen, no início de setembro de 1990. A sala do Pantheon do IFCH estava totalmente lotada, afinal era uma novidade! De fora da UFRGS vinha o professor Caio Boschi, que todos conhecíamos de nome. A defesa foi a primeira a que assisti, e vibramos quando veio o resultado final. Duas semanas depois, foi minha vez. A dissertação intitulava-se “Caudilhos e *Montoneros* de La Rioja: Sociedade e Discurso (1867-1872)”, com umas trezentas páginas, como era usual nesses tempos. A banca era formada pela professora Maria Helena Capelatto da USP, mais a colega da UFRGS Heloísa Jochims Reichel, além da professora Céli Pinto que presidia a sessão<sup>17</sup>. Não muito ao meu feitio, envergava calças, casaco, camisa social e sapatos estalando de novos, por uma recomendação muito enfática da orientadora. A defesa também se deu com “casa cheia”, como foi saudável usança nesses primeiros tempos, e eu me tornei afinal Mestre em História. Tudo acontecera realmente muito rápido! Em outubro, em dias consecutivos, a Claudia e a Sílvia Agnes também defenderam suas dissertações, e a Heloísa Ramos fê-lo mais para o final do ano. A primeira turma do Mestrado, mesmo que reduzida pela metade, cumpriu, e os primeiros egressos do PPG podiam ter um justo orgulho por terem inaugurado um curso que cresceria exponencialmente.

E aqui chegamos! Permaneci como Professor Assistente – promoção dada pelo título de Mestre em História até 1993, quando fiz minha seleção para o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Mais ou menos na mesma época, publiquei meu primeiro livro, *História Contemporânea da América Latina (1960-1990)*, num projeto em que tive a Claudia como parceira. Desde 1991 era pai de mais um guri, o Rodrigo, e chefe do Departamento de História, tendo como minha Vice a Claudia. Afastei-me para realizar o Doutorado de julho de 1993 a dezembro de 1997; no final de 1993, a Claudia e a Helen foram selecionadas para realizar Doutorado nos PPG em História da

UFRJ e da UFF, respectivamente. Defendi minha Tese – “O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)” – em maio de 1998; a Claudia fez o mesmo em novembro do mesmo ano, e a Helen defendeu a sua em 1999. Seguíamos, pois, mais ou menos na mesma balada!

Depois de voltar do afastamento em 1998, exerci muitas e variadas atividades administrativas no âmbito do Departamento e fora dele, e sempre me mantive dando aulas tanto na graduação como no PPG em História, já há vários anos ostentando também programa de Doutorado. O PPG está afirmado: tem nota 5 na avaliação da CAPES e já formou muitos e muitos mestres e doutores. Eu mesmo, até a redação desta memória, já orientei onze dissertações de Mestrado e uma tese de Doutorado, e outras tantas estão pedindo passagem. Ainda mantenho a já antiga parceria e amizade com as colegas Claudia Wasserman e Helen Osório, e com uma e outra tenho tido oportunidade de trabalhar junto; fui vice de ambas, quando sucessivamente chefiaram o Departamento de História, e atualmente sou vice da minha orientadora de Mestrado, Céli Pinto.

Enfim, o que lá em 1984 parecia um capricho de um médico que dispunha de tempo livre para amolar o próximo, tornou-se um vendaval e acabou por mudar totalmente os rumos da minha vida. E o papel que neste *imbróglio* todo teve o Programa de Pós-Graduação em História criado em 1985, penso ter demonstrado ao longo destas linhas, mas cabe ao leitor fazer seu julgamento. Quanto a mim, posso afirmar que do primeiro pós-graduação, ninguém esquece!

Porto Alegre, março de 2007.

Recebido em 08/04/2007.  
Autor convidado.

## Notas

74

<sup>1</sup> Eram poucos os professores que tinham título de Doutorado. Além da professora Helga Iracema Landgraf Piccollo, havia em 1985 apenas Arno Alvarez Kern e Sílvia Regina Ferraz Petersen; as professoras Céli Regina Jardim Pinto e Luiza Helena Schmitz Kliemann defenderiam suas Teses de Doutorado no início de 1986, enquanto Loiva Otero Félix, Sandra Jatahy Pesavento, Heloísa Jochims Reichel e Ieda Guttfreind só o fariam em 1987.

<sup>2</sup> Por ocasião desta, eu estava concluindo História da América I, ministrada pela professora Susana Bleil de Souza, e só tinha segurança nos conteúdos dessa disciplina (transição do feudalismo, a conquista, mundo colonial americano, etc). E, desta vez, a sorte veio em meu auxílio: o ponto sorteado para a prova foi justamente Período Colonial!

<sup>3</sup> Isto exigia da maior parte dos alunos uma acomodação de seus afazeres; ainda lembro da Claudia chegando e saindo apressada porque dava aulas em curso pré-vestibular e tinha horários muito rígidos.

<sup>4</sup> Este é um trabalho que até hoje me rende frutos, nunca mais fui capaz de abandonar estes autores.

<sup>5</sup> Ernesto Laclau foi orientador da Céli no seu Doutorado na Universidade de Essex, Inglaterra; ela, minha orientadora, mandou para Laclau as barbaridades que eu havia escrito sobre seu último livro *Hegemony and Socialist Strategy towards a Radical Democratic Revolution*.

<sup>6</sup> Nessa época não havia ainda sido implementada a exigência de pré-requisitos; ainda hoje brincamos com a Helen dizendo que ela fez o Curso de História de trás para frente.

<sup>7</sup> Viria a encontrá-la no início de 1987 quando fiz o estágio de Prática de Ensino com sua turma de alunos do Colégio de Aplicação.

<sup>8</sup> Desenvolvi, por exemplo, a habilidade de datilografar – ato de escrever usando um equipamento mecânico que atualmente só se encontra em museus – ao mesmo tempo em que embalava o carrinho de bebê com os pés!

<sup>9</sup> O Plano Cruzado do ministro Dílson Funaro – alguém lembra dele? – sob a presidência de José Sarney trouxera uma inegável prosperidade para os profissionais liberais, como era meu caso.

<sup>10</sup> De acordo com a área de concentração proposta para o Mestrado, pode-se observar que das cinco primeiras dissertações defendidas quatro versavam sobre temas latino-americanos; os trabalhos com esse recorte tornaram-se depois muito raros!

<sup>11</sup> Mais tarde, ocorreria uma situação cômica para mim: já era chefe do Departamento de História, quando recebi correspondência de alguma instância da UFRGS

informando que eu era “aluno evadido” do Bacharelado em História! Mais muitas explicações...

<sup>12</sup> O valor da bolsa para mestrado era de \$860,00 mensais, além de uma ajuda de custo de mesmo valor para despesas de mudança; raramente, incluindo aqui todos os gastos, eu consumia metade dessa quantia, o que permitiu inclusive guardar alguns dólares na volta!

<sup>13</sup> Sobre isto ocorreu um episódio anedótico. Uma senhora que fazia serviço de limpeza em minha casa e também no consultório, não entendeu muito bem o que estava acontecendo, e dizia que eu havia sido “rebaixado de doutor para professor”. Esta é a razão do título que dei para este texto (e, quem sabe, não foi por isso também que depois persegui o doutorado em História, se bem que duvido muito que ela compreendesse o valor deste).

<sup>14</sup> Uma das perguntas que mais me fazem quando ficam sabendo que fui médico é sobre a questão financeira; quando respondo que o salário inicial na época era de mais ou menos \$500,00 - assim mesmo, quinhentos dólares – e que, somando-se férias remuneradas e décimo terceiro salário, valeu a pena devido às incertezas pelas quais passavam os pequenos prestadores de serviço, muitos duvidam; eu continuo afirmando que era assim mesmo!

<sup>15</sup> A palavra iatrocídio usada no título eu não encontrei nos bons dicionários de português; trata-se, pois, de invenção minha, e significa, numa tradução livre, “assassinato de médico” (no caso, eu mesmo).

<sup>16</sup> Literalmente, visto que não dispunha de computador. Só a versão definitiva foi depois digitalizada por pessoa competente: o programa de computador chamava-se Carta Certa (alguém lembra disso?) e a impressora era matricial.

<sup>17</sup> Nessa época, as bancas de mestrado em nosso PPG eram constituídas de apenas três membros, e o orientador também dava seu conceito.